



## **APROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO GOIANO: ESTUDO DE CASO A PARTIR DO MUNICÍPIO DE IPORÁ**

SQUIAVE, Hyago Ernane Gonçalves;

Mestrando em Geografia pela UFG/JATAÍ - hiagoernane@gmail.com

OLIVEIRA, Divino José Lemes de;

Doutorando em Geografia pela UFG/JATAÍ - professorrzezinho@gmail.com

SANTANA, Bruno Medeiros;

Mestrando em Geografia pela UFG/JATAÍ - brunomedeirosg@gmail.com

### **RESUMO**

Dentre os vários fatos que marcaram o século XVIII, destaca-se o desbravamento da região central do Brasil. Diversas expedições em busca de ouro e diamantes foram realizadas em todo o território brasileiro, especialmente nas terras goianas. Essas expedições tinham caráter oficial e eram ordenadas via Coroa Portuguesa; se objetivava ocupar os espaços vazios do território brasileiro e também explorar os recursos naturais, especialmente o ouro e o diamante. As bandeiras eram de iniciativa particular da Coroa, denominada de Expedição, que eram organizadas em forma de sociedade comercial a fim de procurar tanto riquezas minerais como escravos. O estado de Goiás começou a ser explorado no último quartel do século XVII, quando a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva realizou uma expedição em busca de ouro, diamante e minerais na região do Rio Vermelho, que atualmente é a Cidade de Goiás. A primeira expedição de Bartolomeu Bueno da Silva foi realizada por volta de 1682, e seu filho que portava seu mesmo nome o acompanhou. Os minerais encontrados despertou interesse na Coroa Portuguesa que liberou posteriormente outra expedição através do filho, pois, o pai já não conseguiria voltar mais. Bartolomeu Bueno da Silva era um homem com ideais e não se cansou de procurar os minerais em Goiás. Era predestinado, de acordo com populares e pesquisadores ele dizia que preferia ver a morte ao fracasso; ele ficou conhecido especialmente porque ao chegar ao território goiano e ao encontrar alguns índios, obrigou-os a contar onde ficava as minas; para obter essa informação os ameaçou colocando fogo num prato de aguardente e disse que faria o mesmo com todos os rios caso os índios não contassem onde se localizava as minas. Em 1723 foi fundado o primeiro núcleo urbano de Goiás, o Arraial de Sant'ana. É importante observar que Bartolomeu Bueno da Silva, antes de chegar ao Rio Vermelho, se perdeu no trajeto e se instalou onde hoje é o Rio Caiapó. Então reorganizou o seu trajeto e seguiu rumo ao Rio Vermelho, passando por onde atualmente se encontra os municípios de Iporá, Israelândia e Moiporá, chegando ao Rio Vermelho. No fim do século XVIII, instala-se o Arraial de Pilões (que posteriormente veio a se tornar Itajubá e posteriormente Iporá), que foi um entreposto entre as minas no Arraial de Sant'ana e Cuiabá. Objetiva-se através dessa pesquisa desvendar como ocorreu o processo de apropriação territorial em Goiás, especialmente do município de Iporá. Portanto foi necessário evidenciar os principais acontecimentos e fatos marcantes nesse processo de ocupação do território. A



referida pesquisa se embasou numa criteriosa pesquisa bibliográfica; levantamento de dados e informações em livros, revistas, jornais e fontes documentais. É, portanto, uma pesquisa descritiva, pois descreveu acontecimentos e narrou fatos ocorridos. Tem, portanto caráter qualitativo, pois além de possibilitar empregar técnicas de coleta de dados, possibilitou discutir de forma autocrítica os processos de ocupação do já mencionado espaço territorial.

**PALAVRAS CHAVE:** Apropriação, Iporá, território goiano.

## INTRODUÇÃO

A origem do município de Iporá lembra bastante os garimpos rudimentares que existiam em Goiás; assim como a origem de vários municípios do Estado, que também são oriundos de atividades minerais. Nas encostas e margens dos rios que por ventura era encontrados minerais como ouro e diamante sempre surgia um pequeno aglomerado de pessoas e núcleos urbanos formando assim, posteriormente, os primeiros municípios do Estado de Goiás. Com Iporá não foi diferente, sua formação é ligada diretamente a atividade mineradora.

A área de estudo abordada nessa pesquisa, refere-se ao município de Iporá-GO, que está a 220 km da capital do estado de Goiás (Goiânia). E se localiza na mesorregião do Oeste Goiano e na microrregião de Iporá, entre as coordenadas 16° 24' 00" e 16° 28' 00" S, 51° 04' 00" e 51° 09' 00" O. O município faz divisa territorial com sete municípios, sendo: Ao norte com Arenópolis, a oeste com Amorinópolis e Ivolândia, ao sul, com Moiporá e Israelândia, a leste, com Diorama e Jaupací.

Objetiva-se com esta pesquisa, relatar o processo de formação territorial de Goiás, bem como a formação do município de Iporá. Para tanto, buscou-se desvendar como ocorreu o processo de apropriação territorial em Goiás, especialmente do município de Iporá. Portanto foi necessário evidenciar os principais acontecimentos e fatos marcantes nesse processo de ocupação do território.

A metodologia aplicada a esta pesquisa se fundamenta a partir de pesquisa bibliográfica, respaldada em pesquisadores e autores como: Arrais (2010), Galli (2011), Gomis (2002), Gomes, Barbosa e Teixeira Neto (2004), Palacín e Moraes (1989), Pinheiro (2010), dentre outros. Utilizamos como base e aporte para estruturar a mesma o levantamento de dados e informações em livros, revistas, jornais e fontes



documentais. É, portanto, uma pesquisa descritiva, pois descreveu acontecimentos e narrou fatos ocorridos. Tem caráter qualitativo, pois além de possibilitar empregar técnicas de coleta de dados, permitiu discutir de forma autocrítica os processos de ocupação do já mencionado espaço territorial.

Essa pesquisa tem relevância tanto socialmente como cientificamente; Pois ela servirá de base como referência para gestores e populares, especialmente do município de Iporá, para obter melhor conhecimento relativo ao processo de surgimento e ocupação territorial do atual município. Cientificamente contribuirá como fonte de pesquisa para estudantes e interessados em pesquisar temática relativa a essa estudada.

## **O TERRITÓRIO GOIANO**

Já nos primeiros séculos de colonização do Brasil diversas expedições percorriam todo o território nacional. As expedições como afirma Pinheiro (2010) eram organizadas na Bahia, que até então era o centro da colonização; e as expedições tinham caráter oficial por parte da coroa Portuguesa, destinadas a explorar riquezas minerais em todo o país, como o ouro e diamante. Essas expedições eram denominadas bandeiras, de iniciativa particular, organizada militarmente e também como uma espécie de sociedade comercial.

Palacín (1976) afirma que Goiás começou a ser explorado no século XVII, quando uma expedição (bandeira) chefiada por Bartolomeu Bueno da Silva, percorreu grande parte de onde hoje é o Estado de Goiás, em busca de ouro e diamante.

Bartolomeu era um homem possessivo, preferiria a morte a voltar para São Paulo fracassado, Pinheiro (2010). Quando começou a explorar Goiás encontrou-se com alguns índios, e utilizando-se da esperteza e da falta de informações dos índios, colocou fogo num prato de aguardente e disse que se os índios não colaborassem dizendo onde estava às minas que encontrava os minerais, ele iria colocar fogo em todos os rios.

De acordo com Pinheiro (2010) e Palacín (1976) houve uma primeira expedição à procura de ouro e diamantes, onde hoje é o Estado de Goiás por volta de 1682. O imbróglio é visto quando existe duas pessoas com o mesmo nome, Bartolomeu Bueno da Silva (pai) foi quem realizou a primeira expedição, e encontrou minerais e



voltou a São Paulo para comunicar a Coroa Portuguesa o descobrimento das minas. Porém já velho e decadente não conseguiu mais voltar para explorar as minas, fazendo assim com que o seu filho também chamado de Bartolomeu Bueno da Silva (filho) voltasse posteriormente ao pai para explorar as minas em Goiás.

Dessa forma, no contexto histórico de Goiás, temos duas pessoas com o nome de Bartolomeu Bueno: o pai, que descobriu o ouro em 1682, e seu filho, que veio para explorar a região em 1723. Então quando utilizarmos o nome de Bartolomeu Bueno da Silva de agora para frente estaremos nos referindo ao filho.

Bartolomeu Bueno da Silva com o aval novamente da coroa decide explorar Goiás, afim de encontrar ouro e diamante como o seu pai fez. Porém ele se perde no trajeto, pois, seu pai teria encontrado as minas no Rio Vermelho onde hoje está situada a Cidade de Goiás. De acordo com Palacín e Moraes (1989), Gomis (2002) e Pinheiro (2010), o intuito era de se chegar onde hoje está situada a Cidade de Goiás no rio vermelho, porém quando saiu de São Paulo, passando por Minas Gerais, ele cortou trilha mais ao noroeste do país, vagando pelos territórios ao norte de Goiás atualmente Tocantins, Pará, Maranhão e Mato Grosso, conforme a imagem 01 ilustra.





**Figura 1** - Trilha de Bartolomeu Bueno da Silva no século XVIII

De acordo com Gomis (2002), ao reorganizar o seu trajeto, Bartolomeu mais uma vez se desviou do seu destino e acabou se afastando mais para o oeste, chegando então ao rio Caiapó, seu primeiro destino em Goiás em 1724.

Logo após a chegada ao rio Caiapó, percebe que não era o lugar em que o pai tinha encontrado os minerais, mais uma vez se reorganiza o seu trajeto, e passando por onde hoje existe os municípios de Iporá, Israelândia e Moiporá, conseguiu chegar ao rio Vermelho, e fundar o primeiro núcleo urbano de Goiás, o Arraial de Sant’Anna. Este arraial posteriormente veio a ser elevado a distrito chamando – se Vila Boa, nome em homenagem a Bartolomeu “Bueno” da Silva.

O processo de formação territorial de cidades com a influência da mineração é também destacado por Prado Junior (1989), que afirma que foram três os grandes núcleos urbanos de origens mineradoras; Em destaque, ocupando o primeiro lugar Minas Gerais, posteriormente Cuiabá e por fim Goiás. A escala de grandeza respeita a ordem colocada. Palacín (1976) afirma que Goiás foi o segundo estado com maior influência da mineração no Brasil, perdendo apenas para Minas Gerais.

## **RIO CLARO EM QUESTÃO**

O acesso a São Paulo (no período de colonização) às minas em Cuiabá se dava pelo rio Paraguai ou pelos sertões do sul do Mato Grosso. Visando um caminho mais curto que economizasse tempo, os governantes fez uma determinação, que se criasse uma estrada que iria desde o Arraial de Sant'Anna até as minas em Cuiabá, visando um melhor escoamento dos produtos encontrados como ouro e diamantes.

De acordo com Gomis (2002), nessa trilha primitiva aberta por determinação da Coroa, e bastante arcaica, passaram muitos tropeiros carregando mercadorias vindas das cidades litorâneas e de alguns aventureiros que iam à busca das minas em Cuiabá. Os tropeiros então já se aproveitando dessa trilha aberta, não precisariam percorrer todo o rio Paraguai para chegar a Mato Grosso, então no toque lento como afirma Gomis (2002), três dias de viagem eles batiam o pouso em um rio de águas claras e cristalinas, com cascalhos lisos e área fina. Então colocaram nome de Rio Claro.

De acordo com Claval (2011) as pessoas faziam Geografia sem ao menos conhecê-la; por exemplo, através dos conhecimentos vernaculares, que eram transmitidos de pai para filho. Batizar os lugares vem desde os povos primitivos que faziam as toponímias dos lugares, e não foi diferente do Rio Claro que pelas suas características foi batizada por este nome. Rio Claro, por suas características naturais como o tipo de cascalho e área davam sinais que tinha minerais também.

Os tropeiros em suas pernoites começaram a vasculhar o leito do rio, foi onde começou a encontrar pedras preciosas. A notícia de que nas margens do Rio Claro foi descoberto ouro e diamante logo se espalhou por todos os cantos (GOMES BARBOSA E TEIXEIRA NETO, 2004).

D. João V, Rei de Portugal, que era conhecido pela sua audácia em riquezas minerais que o Brasil possuía, logo que soube sobre a garimpagem as margens do Rio Claro, ordenou que se fizesse um plano de execução para que militares fossem até o local para intimidar os garimpeiros que estavam ali. Palacín (1976) afirma que foram enviados mais de quarenta militares e que eles foram recebidos a balas pelos

garimpeiros clandestinos; também salienta que o contingente de garimpeiros ilegais no Rio Claro aumentou rapidamente, desta forma já iniciando um processo de pousada, e com a notícia cada vez mais se espalhando sobre os recursos minerais disponíveis pelo rio, logo se começou o povoamento. Alguns com atividades para abastecer a demanda dos garimpeiros e outros fazendo a prática de garimpagem na expectativa de se bamburrar<sup>1</sup>.

Depois outros foram chegando, formando um pequeno povoado de ranchos ilhados no imenso oceano verde do sertão, além dessa pousada no rio Claro, surgiram outras, ao longo da rota Sant'Ana-Cuiabá em geral, distantes cerca de um dia de cavalgada uma das outras. Algumas se tornaram embriões urbanos, que, no futuro, se transformaria em cidades e curruetas, como Itapirapuã, Cachorro Sentado, Novo Brasil, Fazenda Nova (campão), Israelândia (Monchão do Vaz), Diorama (Aropi), Registro do Araguaia [...] (GOMIS, 2002, p. 29, 30).

Para a retirada desses garimpeiros ilegais, a coroa Portuguesa reorganizou outra expedição militar com um número maior de oficiais, fato que provocou a criação na região do Rio Claro de um quartel da Polícia Real a fim de inibir a prática da mineração.

No fim do século XVIII ocorreu uma proibição da extração de ouro e diamante por dois fatores, conforme afirma Prado Junior (1989) e Gomis (2002). O primeiro deles é para que a Coroa pudesse se reestruturar e controlar a mineração. O segundo fator é que os preços dos produtos estavam em baixa, principalmente no mercado internacional. Então quanto maior a produção, menor ficaria ainda o preço do quilate, assim, seria melhor esperar o preço do quilate se valorizar para voltar à exploração.

Já em 1740 iniciou-se o processo de arrematação por contrato, ou seja, para realizar a extração teria de ficar-se um contrato com a Coroa Portuguesa mediante o pagamento de impostos.

Posteriormente visto que não estava dando certo as extrações por contratos, por volta dos anos de 1801 foi então liberado a extração para qualquer garimpeiro conforme afirma Gomis (2002)

---

<sup>1</sup> Bamburrar era um termo muito utilizado na época para algum garimpeiro que conseguisse encontrar uma pedra de ouro ou diamante de muitos quilates.

A partir de 1801, porém, esse quadro começou a ser alterado. O governo colonial, finalmente, liberou a ‘zona proibida’ para a exploração popular. A população de Pilões teve, portanto, um aumento considerável e muitas fazendas de pequeno e médio porte e sítios de posseiros surgiram nas terras devolutas ou das antigas sesmarias da região, dando, portanto, início a uma nova fase da história do oeste goiano. (GOMIS, 2002, p. 58).

Quando o quartel da Polícia Real foi criado na região o nome passou a ser Arraial de Pilões. Porém como afirma Gomis (2002) com independência do Brasil em 1822, Pilões foi elevado à categoria de distrito de Vila Boa, e o seu nome mudado para Rio Claro em 05 de Julho de 1833.

## **FORMAÇÃO TERRITORIAL DE IPORÁ**

Com o passar do tempo os minerais na região do Rio Claro passou a ficar escassa, fazendo com que outro fator entre com forte movimento, a pecuária. Como a Guarnição Nacional foi extinta após a proclamação da república em 1822, as terras que eram do Estado (as terras da região do Rio Claro também eram do Estado) foram passadas por concessões de títulos a alguns correligionários do governo. “Assim, os antigos mandatários da Guarda Nacional e esses novos latifundiários se transformaram nas oligarquias dos ‘coronéis’, os donos do poder” (GOMIS, 2002, p. 63).

O coronelismo chegou à região do Rio Claro no final do século XIX e se estendeu até a revolução de 1930. Dentre os coronéis que se estendia em todo o território goiano se destaca três na região de Rio Claro: Odorico Caetano Telles, José Paes de Toledo e seu irmão Joaquim Paes de Toledo.

Amparados e protegidos pelos poderosos grupos políticos que governavam Goiás, esses ‘coronéis’ reinavam absolutos em seus domínios de aproximadamente vinte mil alqueires. Eram ouvidos e respeitados sem questionamento. Ninguém ousava desafiar-los. Se algum corajoso atrevia-se a tanto, com certeza, não ficaria sem levar o ‘troco’ (GOMIS, 2002, p. 65).

O coronel José Paes faleceu deixando seus bens para seu irmão Joaquim (que tinha o apelido de Quinca Paes) em 1920, e Quinca Paes passou a ser o coronel mais poderoso e rico de todos os coronéis.

Já em 1926 chegou no distrito diamantino do Rio Claro, vindo do estado do Pará Israel de Amorim. Fez fama e fortuna como comerciante antes de entrar para a





política, apadrinhado por Pedro Ludovico Teixeira, que na oportunidade era interventor federal em Goiás.

A primeira experiência de Israel como comerciante de cereais e de outros produtos para abastecer os garimpeiros que atuavam na bacia dos rios Claro e Caiapó, passando depois a capangueiro (comprador de diamantes), foi extremamente positiva. Em pouco tempo de garimpo, ele conseguiu a façanha de acumular uma boa quantidade de diamantes. Algo como se ele tivesse acertado na loteria. (GALLI, 2011, p. 31).

Fazendo então o papel de comerciante, principalmente de diamantes xibiu<sup>2</sup>. Logo pegou amizade com os coronéis. Amizade essa que se estendia até os mais simples garimpeiros.

A região que recebeu o nome de Rio Claro foi elevada à categoria de Arraial pela quantidade de habitantes que nela existia e recebeu o nome de Pilões. Passado algum tempo foi chamado de distrito diamantino do Rio Claro, e foi chegando à decadência sendo chamado mais tarde de Comércio Velho.

Israel de Amorim então partindo do Comércio Velho, abriu uma venda com um pedaço de terra doado pelo Odorico C. Telles. Gomis (2002) e Galli (2011) afirmam que, sem nenhum exagero Israel de Amorim andavam com quilos de diamantes para comercializar nas principais cidades do Brasil, inclusive no Rio de Janeiro, que na época era a capital do país.

A Revolução de 30 colocou Getúlio Vargas no poder nacional. Por sua vez, nomeou Pedro Ludovico Teixeira como interventor de Goiás. Teixeira então proporcionou a Israel de Amorim à liderança política da região. Israel foi aliado do governo no embate contra o coronelismo.

Com a revolução de 30, liderada em Goiás pelo médico Dr. Pedro Ludovico Teixeira, os coronéis perderam o poder. Odorico e Quinca Paes recolheram-se em suas fazendas. O jaguncismo ostensivo desapareceu. Por outro lado, Israel de Amorim aliou-se a nova situação, entrando para o círculo dos amigos do Governador (GOMIS, 2002, p. 73).

A aliança que Israel tinha com o Interventor do Estado permitiu que ele organizasse um processo de ocupação na região. Os coronéis perderam poder e

---

<sup>2</sup> Xibiu era o nome dado na época para diamantes pequenos de aproximadamente um quilate.



prestígio, decidiram criar uma cidade as margens de um córrego que passava próximo ao Rio Claro.

Os coronéis foram então até o Governo do Estado regularizar os papéis para a formação da cidade. Porém Pedro Ludovico nomeou Israel de Amorim como o organizador de todo o processo de formação da cidade e emancipação do distrito. Foi daí que se criou o Distrito de Itajubá, que posteriormente recebeu o nome de Iporá, no ato de sua emancipação política em 1948.

## CONCLUSÕES

A partir das buscas e revelações dessa pesquisa, podemos constatar que Bartolomeu Bueno da Silva tanto pai como o filho de mesmo nome, tiveram importante papel no processo de desbravamento e descoberta de riquezas no estado de Goiás. As viagens de exploração realizadas por eles também foram fundamentais para o processo inicial de povoamento e surgimento do município de Iporá. Porém salienta-se, que os povos nativos do estado de Goiás pouco foram considerados na maioria dos registros realizados pelos viajantes e até por pesquisadores da história do estado de Goiás.

O Rio Claro também foi de grande importância para o processo inicial de ocupação e povoamento do futuro município de Iporá. Serviu como fonte de inspiração para os diversos ocorridos de cunho social, econômico e literário. Destaca-se a existência de muitos minerais, especialmente do ouro e do diamante, que serviu como importante atrativo.

A Coroa Portuguesa também deixou um importante registro na região do Rio Claro. Foi ela que realizou os primeiros registros cartográficos da região; também foi ela que administrou os primeiros processos de exploração e usurpação das riquezas auríferas de Iporá.

O processo de apropriação do território iporaense é marcado pela presença de coronéis que se perpetua até os dias atuais; salienta-se que esses personagens se remodelaram com o tempo. Os coronéis que mais tiveram participação nas tramas de ocupação do território em questão foram: Odorico Caetano Telles, José Paes de Toledo e seu irmão Joaquim Paes de Toledo.



Israel de Amorim também é um dos importantes atores que contribuiu no processo de ocupação, exploração e emancipação do município de Iporá. Para muitos populares e até para alguns pesquisadores, o mesmo foi um mito, para outros um herói; e há aqueles acreditam mais que ele foi um sagaz homem, que vivia além do seu tempo, outros já diz que ele foi um aproveitador de oportunidades e até das pessoas.

Deixamos claro que essa pesquisa sobre a “apropriação do território goiano: estudo de caso a partir do município de Iporá” trata-se de uma breve e inicial discussão a respeito da temática proposta. Indicamos a continuidade e aprofundando dessa temática, especialmente do personagem de Israel de Amorim e também quanto a outros atores que poucos foram evidenciados nos registros existentes relativos à história de Iporá.

## REFERÊNCIAS

ARRAIS, Tadeu Alencar. **Geografia Contemporânea de Goiás**. Goiânia, Vieira, 2010.

CAMPOS, Francisco Itami. **Coronelismo em Goiás**. Goiânia, Ed. da UFG, 1987.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

GALLI, Ubirajara. **Israel Amorim: um homem que reluziu mais que seus diamantes**. Goiânia: Kelps, 2011.

GOMES, Horiestes; NETO, Antônio Teixeira; BARBOSA, Altair Sales. **Geografia: Goiás-Tocantins**. 2 ed. Goiânia: UFG, 2004.

GOMIS, Alexandre Moizeis. **Uma viagem no tempo de Pilões a Iporá: dois séculos e meio da história da colonização e desenvolvimento do oeste goiano**. 1 ed. Iporá: Nova Página, 1998.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Bases de formação territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no longo do século XVI**. Editora Hucitec, 2000.

PALACÍN, Luís; MORAES, Maria Augusta Santana. **História de Goiás**. Goiânia: UCG, 1989

PINHEIRO, Fabricio Fernandes. **Bandeiras descobridoras e povoamento de Goiás**. Goiânia, 2010.



SILVA, João Dias da; SILVA, Marcos Aparecido. **O coronelismo no Vale dos Rios Claro e Caiapó: Uma análise sócio – econômica e político (1889 – 1989)**. UEG, Iporá, 2004.

SOUSA, Adjair Maranhão; SILVA, Márcio Rodrigues; CLEMENTE, Evandro Cesar. **Iporá (GO): A cidade que mudou de endereço**.

TEIXEIRA NETO, Antônio (2009). O território goiano: **Formação e processo de povoamento e urbanização**. IN: ALMEIDA. Abordagens geografias de Goiás; 2002.